

A Rapsódia do Carnaval de 1919

Hoje eu recebi a confissão mais bizarra de todas, e precisava escrevê-la em algum lugar. Então eis aqui, da maneira mais fiel que minha memória pode oferecer, a história do Carnaval de 1919, contada por meio de uma “*Rapsódia Húngara*” para piano:

- Bom dia, Senhor Padre – me disse o rapaz que trabalhava no manicômio, reconhecendo-me de outras visitas.

- Bom dia. Que Deus o abençoe.

- Obrigado, ao senhor também.

- Em que quarto devo ir hoje?

- Hoje lhe chamam no quarto 7.

- Qual o problema dele?

- Ele é apenas um louco comum, não se trata de caso agravante nem nada. Eu lhe acompanho até lá.

- Sim, muito obrigado.

Conforme andávamos pelo longo corredor do manicômio, barulhos diversos se propagavam. Do primeiro quarto, vinha o som de um homem que chorava; do segundo, silêncio, provavelmente a senhora que jazia lá dentro dormia; do terceiro, muitas risadas; do quarto, gritos de desespero; do quinto, silêncio; do sexto, uma mulher que tagarelava consigo; e ao chegar no sétimo, senti alívio por não ouvir artifícios diabólicos; muito pelo contrário, soava um piano.

- Quem vive aí dentro? – perguntei ao rapaz que me acompanhava.

- Francisco. Diz ele que foi músico, mas seus documentos mostram que na verdade trabalhou em uma imobiliária, como arquiteto. Ninguém sabe ao certo como ficou louco, mas acreditamos que tudo se deu por frustração com o mundo.

- E por que ele quer se confessar?

- Sofre de insuficiência cardíaca. O doutor que o examinou, na noite de ontem, disse que o coração dele pode parar a qualquer instante, por isso o senhor foi chamado com tanta urgência.

- Pobre homem...

Quando entramos, Francisco imediatamente parou de tocar e, olhando para mim, levantou-se com muita dor, fez um gesto de reverência, curvou-se, e beijou-me os pés.

- *Gratias! Gratias! Tibi gratias ago Deo diversi generis multa nimis!*¹

¹ Do latim: “Obrigado! Obrigado! Muito obrigado, Deus!”;

Sem qualquer sinal de hesitação, disse-me o homem que trabalhava ali:

- Ele sabe falar isso em todas as línguas, significa...
- Eu sei o que significa, meu bom homem, não se preocupe.
- Perdão. Então deixarei vocês a sós. Passem bem!
- Obrigado.

Mirando o crente, eu disse:

- *Noli commoveri.*²
- O senhor também fala latim? - ele me perguntou.
- Só algumas coisas que aprendi durante o curso de teologia.

De repente, aquele homem, aparentemente ansioso por uma confissão, virou-me as costas e andou até o piano para sentar-se, como se ninguém estivesse falando com ele. Depois de um tempo, disse em tom ameno:

- Entendi. Eu aprendi na igreja. Cantei lá por um tempo, e decorei algumas coisas.

- Bravo! - exclamei. Então, peguei uma cadeira e sentei-me próximo ao piano. Visto que o silêncio se prolongou mais do que devia, eu me manifestei - Bem... Assim que quiser começar a se confessar... Estou pronto para escutá-lo.

- Já que o senhor entende latim, começarei com uma parte do Réquiem do Mozart.

Francisco começou a tocar "*Dies Irae*", enquanto cantava. Não era o melhor tenor do mundo, mas, para uma pessoa em seu estado, cantava até que muito bem.

- *Dies irae, dies illa/ Solvet saeculum in favilla/ Teste David cum Sibylla/ Quantus tremor est futurus/ Quando iudex est venturus/ Cuncta stricte discussurus!*³

Olhei espantado para o homem.

- Mas que dias são esses que tanto lhe incomodam?

- Ah, meu senhor... Esses são os dias que mais incomodam, e que mais me incomodaram ao longo da vida. Os dias de carnaval. Em específico, um terrível... o de 1919. Acredito que o senhor não viveu este terror por ser muito jovem, mas explico como foi...

Francisco deu um longo suspiro, e começou a tocar uma música.

Ecoou pelo quarto "C# C#" "C#+G#+C#+G#"... Era a 2ª *Rapsódia Húngara* de Liszt. Eu, sem entender muito bem por que o homem havia começado a tocar, apenas

² Do latim: "Não se preocupe".

³ Do latim: "Dia da ira, aquele dia/ Em que o mundo se dissolverá em cinzas/ Como predito por Davi com Sibila/ Como é grande o terror que está para vir/ Quando o juiz vier para julgar/ Todas as coisas severamente! <https://www.youtube.com/watch?v=GAYedV3MbqQ>

fechei os olhos, e apreciei a música. Depois de 43 segundos, a música foi interrompida abruptamente.⁴

- O que sente, padre? – ele me perguntou.

- Como assim o que sinto? Eu me sinto bem... Gostei da música, o senhor toca muito bem.

- Não... O que sente com a música?

- Eu... Eu não sei, senhor...

- Pois sinta agora um tom fúnebre, Sr. Padre, a peça está em tonalidade menor... A gripe espanhola se anuncia...

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, o piano voltou a soar.

Francisco tocou por mais um tempo⁵, e então disse:

- O vírus Influenza sai marchando pelo Rio de Janeiro, minha cidade natal, e ao mesmo tempo, assustando toda a população.

Enquanto executava uma escala, que subia e descia⁶, falava com os olhos fixos nos meus:

- E... foi... arrastando... consigo... para a vala... centenas... milhares... de pessoas.

'Ele é louco mesmo', logo pensei.

Uma pausa dramática foi feita:

- Mas não se preocupe, senhor Padre, o vírus não lhe afeta mais! – deu um sorriso e voltou a tocar.⁷ – Mas a mim... afetou... e muito. – ao ir para a parte aguda do teclado, lágrimas começaram a escorrer dos seus olhos – Mãe... Irmã... Avó... Tio... Irmão...

De repente uma outra escala surgiu, como quem diz "*turns out*".⁸

- Pelo menos, fiquei vivo, né. - secou as lágrimas dos olhos, e voltou a tocar. Parecia que aquela Rapsódia, composta no século XIX, fora feita para a história de Francisco, a emoção da música era a mesma expressa pelo homem em todos os seus momentos... Ora havia tristeza, mas agora a música o consolava, e o velho voltava a se alegrar.⁹

- Mas, então, eis que começou o maior pesadelo da minha vida – um clima de suspense foi criado na rapsódia.¹⁰ – Eu era um menino à época, mas nunca vou me esquecer das pessoas que saíam de suas casas como animais de uma caverna, ao descobrirem que a gripe se dissipara... A gripe espanhola!!! – Francisco voltou a tocar o

⁴ Acompanhe por este vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Tp27ji7CmPs>

⁵ Até 1:13 no vídeo.

⁶ De 1:13 a 1:20.

⁷ De 1:20 a 2:10

⁸ 2:10 a 2:13

⁹ De 2:13 até 2:22

¹⁰ 2:22 até 2:30

tema inicial, como se relembresse de todo o pesadelo¹¹, uma reminiscência dramática, quase fúnebre...

A música parou.

- E, então, chegou o carnaval... As portas das casas se abriam, as pessoas sorriam, não sem alguma malícia, e caminhavam rumo ao *vale da carne*... Menos eu... Eu não, Sr. Padre. Eu lamentava a morte dos meus parentes, não estava pronto para o carnaval... e nunca mais estive...

Quando a música voltou, eu me vi encaixando as palavras de Francisco às notas que ele tocava com a cabeça quase apoiada sobre o piano. A mão direita era a lamentação do pobre menino que perdera membros da família na pandemia, e a mão esquerda, que pulava de um lado para o outro sobre a mão direita, eram as pessoas que saíam de casa, e tintilavam seus remorsos passados, na rua, no carnaval...¹²

Então uma chuva de C#s chegou, e Francisco começou a se exaltar enquanto tocava.

-E é aqui... que o meu... único!... pecado se inicia... As pessoas nas ruas... eu, triste em casa... Não aguentei!... – o som foi se intensificando, a mão quase que involuntariamente, ia revivendo esse momento, tocando em oitavas, dramatizando a situação¹³.

Uma pausa abrupta foi feita e...

- Eu saí de casa... Quando eu coloquei meu pé na rua...

E a música voltou com tudo, a emoção de Francisco havia se alterado completamente, cada palavra pejorativa que ele usava para descrever o carnaval se refletia com intensidade na música.¹⁴

- Gritaria!... Sujeira!... Desrespeito!... Invasão de privacidade!... Sexo!... Baderna!... Roubo!... Humilhação!

Mais uma pausa.

- Mas, padre, o senhor me entenderia... Imagine só: após uma pandemia que matou milhares de pessoas no Brasil, inclusive alguns dos meus familiares, mortos estes que sequer foram enterrados!, eis que o povo sai às ruas como se nada tivesse acontecido. Pior! Como se nada viesse a acontecer! A quantidade de baixarias que afundaram aquele carnaval... - ele voltou a tocar, desta vez cantando a história no ritmos da música – *Jovens que se penduravam nos carros, flertando uns com os outros, sem censuras ou comedimentos* – outro tema apareceu, a narrativa mudou – *Ou os pierrôs que, ao invés de se aterem à folia das ruas, invadiam as casas e arrastavam para o inferno os pobres lúcidos que tentavam descansar em paz, como demônios a furarem com seus tridentes uma porção de Jós.* – mais uma mudança – *E os arlequins que defloravam*

¹¹ De 2:30 a 5:07

¹² 5:07 a 5:32

¹³ De 5:32 até 6:03

¹⁴ De 6:03 até 6:18

*jovens à força. – de novo – O tanto de drogas e de palavras chulas que foram usadas naquele carnaval...*¹⁵

A música parou.

- E eu matei, senhor padre! Matei porque não me deixavam em paz! Entraram na minha casa e tentaram levar a irmã que a Espanhola não me roubara! Eu senti nascer em mim algo que eu nunca havia sentido, e nunca mais senti... Quase como um instinto animal... Eu fui metendo facada em cada um que via pela frente, invadindo a minha casa – o piano voltou a soar, e a cada saltinho rumo aos agudos, um morto era adicionado à conta – Um... dois... três... quatro... cinco... seis... sete... oito... – até que a música reviveu a adrenalina sentida por aquele Francisco de décadas atrás. Escalas em oitavas, nas duas mãos, que seguiam em direções opostas¹⁶. Um sorriso se abriu no rosto do velho que parecia à beira da morte.

E, assim que retornou a um dos temas, enquanto executava a repetição, repetia a execução de cada personagem que ele matara - Arlequim! Pierrô! Mosqueteiro! Palhaço! Boneca! Pirata! Bruxa! Índio!¹⁷

- Acalme-se, Sr. Francisco - eu disse, assustado com o êxtase funesto a que o velho chegara.

- O senhor tem razão - ele disse enquanto tocava - mas não pense que eu me arrependi... - e o piano se tornou o único som emitido no quarto, no corredor, no manicômio, à exceção de alguns gemidos que escapavam à precisão do pianista, enquanto se repetia "*Eu não me arrependi...*" ou "*Se pudesse matava ainda mais...*", nada mais, nada além. Sua expressão era de um orgulho terrível e pura satisfação.

Quando a música acabou, o velho caiu, exasperado.

- O médico me disse para nunca mais tocar essa música, porque meu corpo não dava mais conta... – enquanto balbuciava, escarrara sangue – Senhor padre, eu não tenho mais certeza sobre a salvação da minh'alma... Eu não me arrependo de nada. – um sorriso pontiagudo se fez – Espero que haja um inferno onde estejam todos aqueles que tentaram se vingar da morte no carnaval de 1919, para que eu complete a minha vingança, a vingança da vingança... Me perdoe.

Defronte à *via crucis* da carne, eu, já posto em pé, atarantado com a cena, dei um passo em direção ao velho, mas era tarde. Ao tocá-lo, percebi que não vivia; acenei uma cruz por sobre o defunto, e saí do quarto o mais rápido possível.

Ao encontrar o rapaz, com quem havia conversado ao chegar no manicômio, disse-lhe apenas:

- Seu Francisco já descansa em paz.

Assim que cheguei em casa, ao fim do dia, pensei em voz alta:

- Ou se vinga em paz... Francisco será mais feliz no inferno do que no céu.

¹⁵ De 6:18 até 6:45

¹⁶ 6:45 a 7:15

¹⁷ 7:15 a 7:32